

Já neste tempo se tinha mandado recado ao rei do Tibete, e assim teve de nós notícia, mandando ao caminho dois homens para nos acompanharem e servirem, ordenando aos da cáfila que tivessem de nós grande cuidado e nos levassem como coisa muito sua, e a mim me mandou escrever que fosse muito alegre para suas terras, porque quanto delas me servisse, me daria. Tudo isto sucedeu, pelo que se escreveu de nós ao mesmo rei, que éramos gente muito estranha e nunca vista por aquelas terras. Três dias antes de chegarmos, nos mandou três cavalos, dois para nós, e outro para algum dos moços, sendo necessário. Quando já chegámos à cidade, saía a gente pelas ruas, e as mulheres à janela a nos ver, como coisa mui rara e estranha. O rei por então não apareceu. Estava, porém, a rainha a uma varanda do paço, donde nos quis ver. Fizemos-lhe a devida reverência, e assim nos recolhemos para umas casas que nos tinham aparelhadas. Imaginava el-rei, e assim lho tinham escrito, que nós devíamos trazer algumas pérolas e jóias de grande preço, posto que não éramos mercadores, pois não podia haver outro fundamento de viagem tão trabalhosa, que empreendêramos. Certificado, porém, já por via de outros quem éramos, e que não éramos mercadores, nem trazíamos peças ricas como cuidava, ficou com menor alvoroço de nossa vinda, e sem nos querer falar dois dias ou três. Mandando perguntar o para que tínhamos vindo, respondi que eu não viera a suas terras para comprar e vender, porque não era mercador, assim mais que não tinha vindo para delas levar coisa alguma, nem dele queria alguma das suas mercês que me tinha mandado oferecer. Só lhe pedia que desse audiência por espaço de uma hora, e que então descobriria a causa de minha vinda, e não de outra maneira, mas que estivesse certo que lhe seria de gosto. Havida a licença, nos recebeu com benevolência, estando somente com ele um seu cunhado.